

OS MARCADORES "QUANDO" E "ENQUANTO" E SUAS IMPLICAÇÕES EM RELAÇÃO A TEMPO E ASPECTO PELA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

THE MARKERS "WHEN" AND "WHILE" AND THEIR IMPLICATIONS REGARDING TIME AND ASPECT BY THE THEORY OF PREDICATIVE AND ENUNCIATIVE OPERATIONS

Maria Renilda Rodrigues Leal Ramos
PPGEL/UFPI

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo é investigar o modo de funcionamento das marcas quando e enquanto à luz da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli, apresentando uma análise destas marcas não como elemento previamente classificado, mas baseada na construção de valores temporais-aspectuais no ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva de uma semântica construtivista, mais especificamente na linha de investigação que busca os valores referenciais através da diversidade dos sentidos de suas ocorrências, partindo do princípio de que o sentido é construído no e pelo enunciado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo corpus é composto de 11 enunciados extraídos do corpus do português, do Google e de exemplos produzidos por nós. A análise do corpus demonstrou o propósito de promover uma reflexão que busque práticas didáticas que contribuam para a exploração do sentido no ensino de Língua Portuguesa no contexto de sala de aula.

Palavras-chave: Quando. Enquanto. Tempo e aspecto. TOPE.

Abstract: *This essay is a clipping of a master's research in progress, whose objective is to investigate the operating mode of the markers when and while according to the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TEPO) by Antoine Culioli, presenting an analysis of these markers not as previously classified element, but as an element based on the construction of time and aspectual values in the Portuguese Language Teaching, from the perspective of constructivist semantics, more specifically in the research line that looks for reference values through the diversity of meanings of their occurrences, assuming that meaning is built on and by the statement. It is a qualitative survey whose corpus is composed by 11 statements extracted from the corpus do português, google and examples produced by us. The analysis of the corpus showed the purpose of promoting a*

Key-words: *When. While. Time and aspect. TEPO.*

1 - INTRODUÇÃO

As palavras que constituem o léxico da língua podem ser analisadas em uma perspectiva construtivista, uma vez que no universo da linguagem, as unidades linguísticas perpassam pela variação de sentidos. Nessa esteira, somos instigados a refletir sobre o estudo das marcas linguísticas *quando* e *enquanto* em uma relação aspecto-temporal por meio do processo de significação. Este processo se dará a partir da relação termo a termo na construção de sentidos dos enunciados. Nesse viés, delimitou-se o objeto da pesquisa ora proposta, qual seja: a construção de valores aspecto-temporais das marcas *quando* e *enquanto*. Assim, o objetivo geral deste artigo é demonstrar como estão representadas, sob o enfoque da teoria culioliana, as categorias tempo e aspecto destas marcas linguísticas.

A marcação da construção de valores aspecto-temporais, também, se dá por meio das conjunções *quando* e *enquanto*, uma vez que o verbo não será o único responsável para construir o sentido do tempo e do aspecto, pois as marcas *quando* e *enquanto*, também, construirão tais sentidos em uma relação termo localizador e termo localizado. A nossa pesquisa se perfaz por meio da construção de valores aspecto-temporais das marcas *quando* e *enquanto* em uma relação interlexis, considerando a relação entre o termo orientado (termo localizado) e termo orientador (termo localizador) em uma dada situação de enunciação. Assim, destacaremos a questão do uso no contexto de sala de aula.

Neste contexto, o artigo foi estruturado da seguinte maneira: (a) uma descrição das categorias tempo e aspecto pelo ponto de vista enunciativo; (b) uma abordagem das conjunções *quando* e *enquanto* na visão de algumas gramáticas; (c) uma análise dos usos das marcas *quando* e *enquanto* para a localização dos marcadores temporais e aspectuais, à luz da teoria enunciativa proposta por Culioli e fundamentada pelos estudos de Franckel, Paillard e Vogüé (2001); (d) orientações dos PCNs e da TOPE que nos dá subsídios para refletir sobre o ensino; (e) considerações finais.

Uma justificativa para a busca da melhor compreensão acerca das categorias de tempo e de aspecto com as marcas *quando* e *enquanto* se deve ao fato desses marcadores serem estudados apenas como conjunções temporais adverbiais, marcadores que se limitam a introduzir, em um período composto, as orações subordinadas adverbiais, sendo portadores desse sentido principal, tanto nos manuais de gramática quanto nos livros didáticos.

Nas gramáticas pesquisadas, Castilho (1968) e Perini (2005) abordam o quesito tempo e aspecto, mas as abordagens não contemplam a relação termo localizador com termo localizado na construção de sentidos. Isso nos motivou a pesquisar essas marcas temporais, *quando* e *enquanto*, contemplando a perspectiva construtivista, cujos trabalhos de natureza linguística ainda são

poucos. Vale destacar que o quadro teórico adotado para esta discussão é a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), do teórico francês Antoine Culioli.

2 - TEMPO E ASPECTO PELO PONTO DE VISTA ENUNCIATIVO

Nosso trabalho toma como suporte teórico uma teoria de viés construtivista por considerar que o sentido é construído pelo material verbal que o apreende, constituindo os enunciados que não estabelecem nenhum elemento de estabilidade que não seja proveniente de uma construção enunciativa. Dessa forma, fundamentamo-nos no princípio da significância da língua em uso, que segue o traço da irrepetibilidade adotado pelas várias versões das teorias enunciativas. O que confirma Flores (2008), quando preceitua que a enunciação é um acontecimento irrepetível, porque são irrepetíveis as condições de tempo, espaço e pessoa de cada enunciado.

Para explicar a questão da irrepetibilidade do acontecimento, Flores exemplifica por meio do enunciado: **está chovendo**, em que mesmo sendo considerado de ordem repetível, pois pode ser repetido quantas vezes o enunciador assim o desejar, no entanto, o autor considera que o presente da enunciação com referência ao qual se define o presente do verbo é sempre único a cada vez que o enunciado é proferido. Isto é, a enunciação é irrepetível (FLORES, 2008, p. 37).

As marcas linguísticas *quando* e *enquanto* só adquirem valores semânticos quando contextualizadas, pois não existe sentido fora do próprio enunciado. Segundo Lopes (2006), as unidades linguísticas deixam de corresponder a objetos semanticamente constituídos para corresponder a objetos “construídos”, logo, a objetos destituídos de autonomia semântica. Nessa abordagem, a contextualização não equivale a uma evocação de uma referência circunstancial situacional, nem explica a significação a partir da observação do extralinguístico, mas a um contexto que não mais se distingue do enunciado, pois cabe ao próprio material verbal desencadeá-lo; o que nos permite contrastar o ensino gramatical pautado em valores prototípicos.

Objetivamos tratar das categorias de tempo e aspecto, que não equivale a uma abordagem geral, mas a uma reflexão acerca das marcas linguísticas *quando* e *enquanto* que não se reduz a uma classificação como advérbios temporais, pois este é apenas um dos valores decorrentes dessas marcas, uma vez que, esse valor, não pode ser apreendido como principal, nem como valor apto a definir os empregos do *quando* e *enquanto*. Enveredamos nosso estudo por meio das pesquisas já desenvolvidas sobre estas categorias, em que os autores defendem que tempo e aspecto se desenvolvem simultaneamente em contraposição aos trabalhos que postulam que os valores aspectuais emergem antes dos temporais.

Partimos do pressuposto que para uma lexis se transformar em enunciado faz-se necessário que sobre ela incidam as operações predicativas (o sujeito enunciador orienta os termos da lexis, organizando sintaticamente a relação predicativa); e as operações enunciativas (em que pela referenciação, o sujeito enunciador vai localizar a relação predicativa em relação à situação enunciativa). Pois é a partir da atividade de referenciação que o sujeito enunciador constrói categorias de tempo e espaço por meio das marcas *quando* e *enquanto*. E, ainda, abordamos a relação

interlexis por meio da operação de localização da teoria culioliana, na qual um termo está localizado em relação a outro termo, quando está situado com referência a esse termo, sendo o primeiro termo localizado e o segundo termo localizador. A operação de localização se perfaz, portanto, de um elemento localizador (termo de partida na lexis), um elemento a localizar e um operador de localização que se configuram de diferentes valores. Vale ressaltar, ainda, que um termo numa relação é localizador, numa outra pode ser localizado.

As categorias tempo e aspecto, mesmo sendo distintas, aparecem, em regra, acopladas, pois os marcadores básicos de tempo (flexão verbal) são, também, marcadores de aspecto. Nesse estudo, refletimos sobre proposições temporais com as marcas *quando* (Estudavam quando cheguei) e *enquanto* (Ele conversava enquanto eu estudava) na construção de tempo e aspecto.

No que se refere ao tratamento gramatical dado as marcas linguísticas *quando* e *enquanto*, as gramáticas fornecem, normalmente, a definição de que são marcas adverbiais temporais. Quanto à categoria tempo, desenvolve um estudo voltado para o tempo gramatical dos verbos (presente, passado, futuro), momento da ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala. Pelo estudo que aqui propomos, percebemos que o valor temporal de um enunciado não é construído apenas pelo verbo, mas que o tempo e aspecto devem ser entendidos como processos de formação de sentido, não se restringindo apenas ao verbo como se evidencia na maioria das gramáticas consagradas.

Vargas (2011), ao definir aspecto, apresenta três aspectos básicos envolvidos no processo verbal que são: o durativo (processo visto em seu caráter dinâmico e progressivo), o pontual (processo em si mesmo, sem qualquer consideração com sua duração) e resolutivo (processo já realizado, consumado). Quanto a categoria tempo, vale, ainda, destacar o que este autor expressa sobre formas verbais:

As formas verbais são acompanhadas dos chamados termos acessórios das orações, especialmente dos adjuntos circunstanciais de tempo, modo, intensidade, proporção etc., que acrescentam nuances de movimento ou de “aspecto” e contribuem assim, em grande medida, para formação de sentidos nos enunciados (VARGAS, 2011, p. 18).

Para Campos (1997), a noção de aspecto pode ser tratada pelo menos sobre dois pontos de vista: do sistema gramatical e do léxico. Sendo que o primeiro caso equivale ao aspecto gramatical, isto é, a oposição de determinados tempos gramaticais, e o segundo corresponde, habitualmente, ao modo de ação, modo de processo, os próprios lexemas verbais (por exemplo, chegar em oposição a caminhar) e determinadas perífrases verbais (‘estar a+ infinitivo’, estar+ particípio passado’). E acrescenta que os operadores suplementares de tempo e modo aparecem em uma relação intra ou interproposicional com o marcador verbal (todos os dias, quando) contribuem para determinação aspectual.

Já no trabalho desenvolvido por Ataliba de Castilho: Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa, o autor expressa sua visão acerca da categoria aspecto. Dessa forma,

postula Castilho (1968, p. 14), “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo”. Neste trabalho desenvolvido pelo autor, há o registro do modo como se deu a descoberta da noção de aspecto, bem como a constatação da sua existência, primeiramente no eslavo, depois no grego, no indo-europeu, no latim e nas línguas românicas. O que denota que o estudo sobre aspecto não é algo recente.

Castilho foi um dos autores que trouxe uma importante discussão a respeito das categorias tempo e aspecto, destacando as vertentes da noção de aspecto no português pautadas nas seguintes noções: o semantema do verbo expressa o modo de ação; as flexões e as perífrases expressam o aspecto. Damos maior ênfase as colocações feitas por este autor na reflexão que desenvolvemos sobre as marcas linguísticas *quando* e *enquanto*. Além da questão aspectual já referendada acima, em que se considera o aspecto uma relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração, o autor classifica a categoria aspectual da seguinte forma:

Se ação verbal indica uma duração, temos o **aspecto imperfectivo**; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o **aspecto perfectivo**; se uma ação repetida, o **aspecto iterativo**; se nada disso, vestindo-se o verbo de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria (e no caso interessamos a ausência da categoria aspectual), teremos o **aspecto indeterminado** (CASTILHO, 1968, p. 14).

Retomando a perspectiva enunciativa/construtivista (base teórica das nossas análises) para o desenvolvimento da reflexão sobre as marcas linguísticas, *quando* e *enquanto*, é pertinente citar Lopes (2006) que sustenta que a unidade semântica deve ser buscada no próprio desenrolar do processo significativo, na interação que se verifica entre a unidade e seu(s) contexto(s). A autora refuta, dessa forma, a hipótese de que exista unidade linguística com qualquer tipo de valor semântico inerente, pois por meio da TOPE postula que a unidade cujo âmagô é de natureza variável, o que se destaca é sua definição de se estabelecer pela função específica que lhe é atribuída nas interações das quais participa.

De acordo com o autor da TOPE (1999a, p.165-166), a temporalidade é fundada sob três ordens de representação:

1) **sucessão ordenada dos instantes** - organizada sobre uma relação de ordem em que o instante Tx seja anterior ou posterior em relação ao instante-localizado Ty. Trata-se, na linguagem, de uma representação intuitiva que não seria remetida a uma construção matemática;¹

2) **recorte** – definido, de forma grosseira, como a representação linguística de certo estado

1. No original: a) La temporallité est fondée sur trois ordres de représentation:

1. Succession ordonnée des Instants- organisé suir une relation d'ordre, telle que tout instant Tx soit antérieur ou postérieur par rapport a um instant-repère Ty. Dans le langage, d'une représentation intuitive que l'on ne saurait ramener relation à une construction mathématique.

de coisas a que um sujeito vai referir-se. Para construir tal marcador, é preciso definir, sobre a sucessão ordenada de instantes, um conjunto de pontos (cada ponto representa um estado-instante) que delimita um intervalo. Se o recorte separa duas zonas qualitativamente diferenciadas, tem-se um processo com uma descontinuidade sem dimensão. Mas, se construímos uma transição entre dois estados, obtemos uma fronteira que define a passagem de um estado estável P a um estado estável não-P (onde não-P se interpreta como outro-P ou o contrário-de-P). Pode-se, assim, marcar, como um primeiro recorte, a passagem de verdadeiramente-P a não-verdadeiramente-P (início da alteração de P). Em seguida, como um segundo recorte, a passagem de não-verdadeiramente-P a verdadeiramente-não-P (fim da alteração e estabilização do processo). Entre não-verdadeiramente-P e verdadeiramente-não-P teremos apenas P, não ainda não-P, quase não-P, não verdadeiramente não-P. Isso é transição, a sucessão dos instantes, que é a construção de intervalos munidos de propriedades topológicas (abertura, fechamento, construção do complementar etc.) e ordenados uns com relação aos outros;²

3) **consecução, concomitância, ajustamento** – fenômenos que aparecem na relação entre intervalos: à ordem de anterioridade / posterioridade se junta a relação de simultaneidade. A *consecução* na relação: “acontecimento *p* precede acontecimento *q*” ou “acontecimento *q* segue acontecimento *p*”; a *concomitância*: *p* concomitante de *q*, *q* concomitante de *p*. Se chamamos *consecução* à relação do precedente ao consequente, obtêm-se assim duas relações (concomitância; consecução) cujo misto (consecução e concomitância) fornece o esquema elementar para a relação de *causalidade* (a existência de *p* leva a passagem *não-q* a *q*; caso a existência de *p* seja pré-estabilizada ou nova, tem-se consecução. Em contraposição, *não-q* sem causa, ou seja, *p* é uma variedade da concomitância). Este exemplo mostra como se passa de um sistema temporal a um sistema de inferência.³ (CULIOLI, 1999 a, p.165-166)

Com base na abordagem de Culioli acerca da categoria tempo, é possível resumir, de uma forma geral, que o valor temporal corresponde a uma localização entre o tempo T do enunciado e

2. Coupure- - Définissons la coupure de façon grossière : soit la représentation linguistique d'un certain état de choses auquel un sujet reu référer. Pour construire un tel marqueur on s'era amené à définir sur la succession ordonnée des instants un ensemble de points (chaque point représente un état instantané), qui delimitent un intervalle. Lorsque la coupure sépare deux zones qualitativement différenciées on a affaire à une discontinuité sans dimension. Mais si l'on construit une transition entre deux états, on obtiendra une frontière qui définit le passage d'un état stable P à un état stable non-P (où non-P s'interprète comme autre que-P ou vide de P): on pourra ainsi marquer par une première coupure le passage vraiment P à pas vraiment P (début de l'altération de P), par une seconde coupure le passage de pas vraiment P à vraiment non-P (fin de l'altération et stabilisation du processus). Entre pas-vraiment P à vraiment non-P on trouvera à peine P, pas encore non-P, presque non-P, pas vraiment non-P. C'est la transition, la succession des instants, qui est la construction d'intervalles munis de propriétés topologiques (ouverture, fermeture, construction du complémentaire, etc.) et ordonnés les uns par rapport aux autres;

3. Conséquence, concomitance, emboîtement – phénomènes qui apparaissent des relations entre intervalles: à l'ordre d'antériorité/ postériorité s'ajoute la relation de simultanéité. En conséquence à la relation de simultanéité “ événement *p*, précède événement *q*” ou “événement *q* suit événement *p*”, la concomitance: *p* concomitante de *q*, *q* concomitante de *p*. Si l'on appelle conséquence la relation de précédent à conséquent, on obtient ainsi deux relations (concomitance, conséquence) dont le mixte (conséquence et concomitance) fournit le schéma élémentaire de la relation de causation (l'existence de *p* entraîne le passage de *non-q* à *q*, que cette existence de *p* soit préalable nouvelle on a bien conséquence. D'un autre côté pas de *q* sans cause, à savoir, ici *p* ce qui est une variété de concomitance). Cet exemple permet de voir comment on passe de un système temporel à un système d'inférence. (CULIOLI, Tome 2, 1999a, p. 165-166).

um tempo localizador, ou tempo de referência que é o tempo da enunciação T_0 , ou seja, o tempo da enunciação é o momento que diz respeito à produção do enunciado.

Acerca da teoria culioliana, Gomes (2007) conclui que, com base na abordagem do sistema temporal sob três ordens de representação, Culioli postula que o tempo da enunciação é o verdadeiro intervalo temporal da enunciação. Já o tempo do enunciado refere-se ao instante para o qual o enunciado remete e consolida-se a passagem de um pré-enunciado para um enunciado por meio das operações de determinação e da aplicação das categorias de tempo, de aspecto e modalidade. Vale ressaltar que a natureza semântica do aspecto é, também, foco de interesse do nosso trabalho.

A interação verbal, quando os domínios de referência são construídos e reconstruídos, é preciso modulá-los no tempo e no espaço. Esse é o papel das operações aspectuais. Para Culioli (1978):

[...] o jogo dos valores aspectuais vai, de um lado, situar-se no plano do que é construído, predicado dentro de um enunciado, marcando assim os limites, as fronteiras, e de outro lado, de qualquer jeito, projetar esse espaço sobre um eixo, marcando-o na ordem temporal (tempos de enunciação, lugar ou distância do sujeito em relação ao que ele enuncia, coordenadas fixando os tempos e portadoras do processo com o fim de fixar o tipo de representação visada⁴ (CULIOLI, 1978, apud VIGNAUX, 1988, p. 132).

Sobre a categoria aspecto, Gomes (2007, p.34) pontua, a partir da observação da teoria culioliana, que o aspecto é o espaço construído por uma trajetória desde um momento origem até um momento visado (esperado ou atingido). Os jogos de temporalidades introduzidos na aspectualidade do processo permitirão modular desde a certeza até o possível, até mesmo o hipotético e o improvável. E acrescenta que, por ser um tipo de referência associada ao predicado, no nível enunciativo, o aspecto é uma consequência direta da estrutura da relação predicativa.

Quanto às categorias tempo, aspecto, dentre outras não se apresentam como uma forma de universalidades do ponto de vista cognitivo, mas correspondem a valores referenciais, em que cada língua utiliza seu modo de constituição singular e esses valores se perfazem à medida em que são descobertos os dados particulares que as materializam. Essa ideia é ressaltada por Franckel e Paillard (2011, p. 96) ao afirmar que essa teoria se estabelece por meio de trabalhos consagrados ao funcionamento particular de uma dada unidade dentro de uma dada língua e não por meio do estudo do modo de materialização em determinada língua de uma dada categoria preestabelecida. Daí os autores caracterizarem a TOPE como uma abordagem transcategorial, pois por um lado, as categorias pertinentes a uma língua não são necessariamente pertinentes a uma outra e, por outro lado, o funcionamento de uma determinada unidade instaura fenômenos que dependem de várias categorias heterogêneas.

4. No original: - [...] le jeu des valeurs aspectuelles va d'un côté, se situer au plan de ce qui est construit à savoir prédiqué dans l'énoncé, marquant ainsi des "bornes" des "frontières", et de l'autre, em quelque sorte "projeter" cet "espace" construit sur un "axe" le repérant dans l'ordre du temporel (temps de l'énonciation, "place" ou "distance" du sujet par rapport à ce qu'il énonce, "coordonnées" fixant les temps et portée du processus) aux fins de fixer le type de représentation visée (CULIOLI apud VIGNAUX, 1988, p. 32).

Dito isso, é possível evidenciarmos que uma das dificuldades da linguística sustentada pelo conceito de classe ou de modelo é desencadeada em virtude da transcategorialidade que corresponde a descrição de fenômenos que implica ir além das fronteiras entre categorias, refutando o modelo de método classificatório totalmente fundamentado na estabilidade do objeto.

3 - CONCEPÇÃO DE ALGUMAS GRAMÁTICAS ACERCA DAS MARCAS QUANDO E ENQUANTO

As marcas *quando* e *enquanto* aparecem, normalmente, nas gramáticas nas seções que abordam as conjunções subordinativas adverbiais temporais e conjunções adverbiais temporais. Faremos uma exposição sobre essas marcas em algumas gramáticas do português.

Neves (2011, p. 787) faz uma abordagem sobre o modo de construção do período composto, constituído de uma oração nuclear, ou principal, e uma temporal iniciada pelas conjunções *quando* e *enquanto*. Explicita que a oração temporal pode ser anteposta ou posposta na forma e que a ordem relativa das orações é pertinente para interpretação do efeito de sentido. Destaca, também, a importância da existência ou não da pausa entre a oração nuclear e a oração temporal e que essa pausa na língua escrita é marcada por um sinal de pontuação, especialmente pela vírgula. Desse modo, é possível apontar quatro tipos de construções temporais com a marca *quando*:

1. Posposta, sem pausa: Sempre aproveito para dormir QUANDO me obrigam a fazer alguma coisa que não quero.
2. Anteposta, sem pausa: E QUANDO se chega ao amor eu acho que a técnica não tem a menor importância.
3. Posposta, com pausa: Segundo os órgãos de Segurança, Paiva foi sequestrado no Alto da Boa Vista, QUANDO era transportado num Volkswagen por oficiais do exército.
4. Anteposta, com pausa: QUANDO o resultado esperado não vem, refazem-se os ritos.

Com a marca *enquanto*, a autora apresenta exemplos com a conjunção temporal anteposta e posposta:

1. ENQUANTO o teu pensamento abarca o entrebater das entidades coletivas e dos representantes, esqueces o indivíduo.
2. Bira se apresentou ao comissário, ENQUANTO ela registrava a queixa na outra sala.

Quanto as relações expressas entre as orações, principal e temporal, com as conjunções *quando* e *enquanto*, a autora afirma que, basicamente, as orações com conjunções temporais expressam o tempo em que ocorre o estado de coisas, ou seja, o tempo da predicação da oração principal. Para tanto, a relação entre os dois estados de coisas pode, de um modo geral, envolver simultaneidade e não simultaneidade. Outra relação apresentada é do tipo lógico-semântico (causal, condicional,

concessiva). E acrescenta que essas relações são feitas pelo conectivo *quando*, que considera de valor neutro. Na abordagem dessas relações entre a oração principal e a oração temporal pontua acerca da questão do aspecto perfectivo com verbos no pretérito perfeito, do aspecto imperfectivo nas construções que envolvem simultaneidade.

Já na abordagem de Bechara (2006, p. 328), as marcas *quando* e *enquanto* aparecem na seção que trata das conjunções temporais e são definidas como aquelas que introduzem oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal e classifica as conjunções em estudo: *quando* como conjunção para o tempo posterior (de modo vago), e *enquanto* como conjunção para o tempo concomitante. Na seção sobre orações subordinadas adverbiais temporais não cita e nem especifica as conjunções, como também não aborda a questão do aspecto. O autor considera, ainda, no estudo sobre subordinadas adverbiais como subordinadas adverbiais propriamente ditas, aquelas que, do ponto de vista constitucional, estão representadas pelos advérbios (os de tempo, lugar e modo), pois estas exercem funções próprias do advérbio.

Em uma abordagem ainda mais simplificada que a de Bechara sobre as conjunções temporais *quando* e *enquanto*, Cunha & Cintra (2008, p. 601) classifica as conjunções subordinativas em integrantes e adverbiais, e subclassifica esta última. Dentro dessa subclassificação aparecem as temporais, definidas como aquelas que iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo. Na seção, o período e sua construção, define a oração subordinada como termo de outra oração, isto é, as orações subordinadas funcionam sempre como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração. E classifica as orações subordinadas em substantivas, adverbiais e adjetivas. Na classificação da temporais, apenas define: se a conjunção é subordinativa temporal, nessa esteira, aparece a conjunção *quando* no seguinte exemplo: *Quando estiou, partiram*. Os autores não abordam a questão da categoria aspecto.

Na abordagem sobre conjunções temporais, Perini (2005, p. 139) afirma que as conjunções são itens léxicos que colocados imediatamente antes de uma oração, formam com ela um sintagma que é termo de alguma oração maior. E acrescenta que uma conjunção pode ser apresentada graficamente como uma palavra (*quando*, *enquanto*) ou como um grupo de palavras (visto que, sempre que). Faz referência, ainda, à classificação tradicional das conjunções subordinativas que compreende primeiro, a oposição entre “conjunções adverbiais” e “conjunções integrantes”; e, depois, a subclassificação das conjunções adverbiais em “causais”, “comparativas”, “temporais etc. E considera essa subclassificação das conjunções adverbiais exclusivamente semântica ao mesmo tempo que critica como excessivamente pobre para exprimir toda a variedade de relações semânticas que as conjunções podem veicular.

Na sequência, o autor considera que um grupo de conectivos subordinativos é constituído de palavras que se acrescentam a orações, igualmente formando constituintes maiores de classe distinta. Por exemplo a palavra *quando* em: *Miriam saiu quando começou a chover*, o autor afirma que o constituinte formado de *quando* mais a oração *começou a chover* é um sintagma adverbial, cuja função é de adjunto circunstancial.

No capítulo sobre semântica, Perini reflete sobre tempo, aspecto, modo, e alerta o leitor

para o fato de considerar a nomenclatura tradicional enganadora, pois trata do tema, classificando em “tempos” e “modos” verbais, e os nomes de certos tempos verbais incluem termos como “perfeito” e “imperfeito, que são em geral usados para abordar aspecto. Ademais, não faz distinção do lado formal e do lado semântico do fenômeno, afirmando que há uma grande discrepância entre forma e significado quando se trata da área de tempo, aspecto e modo. Exemplifica tal discrepância por meio do tempo chamado “presente”. Vejamos o enunciado: *Amanhã eu faço isso para você*. A forma *faço* exemplifica o tempo verbal chamado “presente (do indicativo)”, mas veicula o tempo semântico “futuro”, isto é, exprime um fato a se realizar em algum momento por vir.

No tocante ao aspecto, o autor diferencia a noção de tempo semântico da noção de aspecto, para tanto, referenda a explicação dada por Comrie (1976) que diz: “os aspectos são maneiras diferentes de encarar a constituição interna de uma situação”. Vejamos então a frase: *Cecília estava lendo quando eu entrei*. O fato veiculado por *entrei* é considerado globalmente, isto é, é apresentado como um todo único, não há tentativa de dividir a situação, portanto não é analisável com começo, meio e fim. Em contraste, *estava lendo* é considerado em seu desenvolvimento e focaliza o meio de ação, e não seu início ou fim. O resultado é que a interpretação semântica inclui a ideia de que *entrei* durante o desenvolvimento da ação. Dessa forma, a diferença entre as duas formas verbais não pode ser considerada uma diferença de tempo semântico. Dizemos, portanto, que *entrei* expressa o aspecto perfectivo e *estava lendo* expressa o aspecto imperfectivo.

Perini (2005, p. 256) conclui que se pode entender o aspecto perfectivo como a expressão de um fato globalmente considerado, sem análise e ênfase nas fases, já o imperfectivo considera aquele que inclui as diversas fases, e por isso compreende várias modalidades. Assim, atentemos em: 3. *Meu tio escreveu um livro* (temos a ação pura e simples, sem análises da situação, portanto o aspecto é perfectivo); 4 *Meu tio estava escrevendo um livro* (estende-se a ação no meio do seu desenrolar, portanto o aspecto é imperfectivo progressivo); 5. *Meu tio escrevia livros* (temos o imperfectivo habitual, pois o fato de escrever livros é considerado em sua repetição: meu tio escreve livros com certa frequência). Notamos, dessa forma, a nítida diferença semântica entre (4) e (5), no que se refere à maneira como se encara a ação verbal.

Ao tratar da questão sobre conjunções Lima (2011) segue uma classificação tradicional, em que as define como palavras que relacionam entre si duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação. E as classifica em coordenativas e subordinativas. Dentro da classificação subordinativas menciona as subordinativas temporais, citando apenas as conjunções: *quando*, *apenas*, *mal* etc. Já na seção que trata da constituição do período por subordinação, define-o aquele que há uma oração principal, que traz presa a si, como dependente outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem o seu papel como um dos termos da oração principal. Em relação à subordinativa temporal afirma que é papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido antes de outro, depois de outro, ou ao mesmo tempo de outro.

Na sequência, a autora considera a conjunção *quando*, a mais geral das partículas com a qual se exprime, de maneira mais ou menos vaga, a ocasião em que passa um fato: (Quando a

morte chegou, encontrou-o em paz com Deus.), já a conjunção *enquanto* exprime a duração de um fato ou a simultaneidade de acontecimentos: (1. Enquanto morou aqui, procedeu com muita correção – duração de um fato; 2. Malha-se o ferro *enquanto* está quente – simultaneidade). Ademais, constatamos que o autor não desenvolve nenhum tipo de reflexão sobre o quesito aspecto.

A exposição dessas abordagens não nos encaminha para uma conclusão acerca do quesito conjunção e das marcas *quando* e *enquanto*, mas nos traz algumas noções gramaticais que suscitam uma reflexão pautada na interação dessas marcas com o restante do enunciado, tomando como ponto de partida a relação com o contexto em situações de uso contrastando com as incoerências das análises consolidadas no ensino gramatical tradicional.

4 - ABORDAGENS DOS PCNs E TOPE PARA O ENSINO

Para os PCNs (1998) de Língua Portuguesa, um dos documentos que orientam os estudos gramaticais, é inconcebível que o ensino se dê em blocos. Assim, explicam:

Ao invés de organizar o ensino em unidades formatadas em “texto”, “tópicos de gramática” e “redação”, fechadas em si mesmas de maneira desarticulada, as atividades propostas no ambiente escolar devem considerar as especificidades de cada uma das práticas de linguagem em função da articulação que estabelecem entre si. (PCNs, 1998, p. 36).

As marcas *quando* e *enquanto* no ensino de Língua Portuguesa, quer registradas nos manuais didáticos, quer pedagogicamente em sala de aula, ainda necessitam ser mais bem conduzidas, pois conforme os parâmetros curriculares o tratamento que deve ser dado à gramática na prática pedagógica:

não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. No contexto de sala de aula, percebemos que o ensino da gramática de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano - uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la. (PCNs, 1998, p. 28).

Partindo da nossa fundamentação teórica, vimos que, habitualmente, a abordagem das conjunções adverbiais temporais nos livros didáticos é, em sua maioria, norteadas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante NGB2), que classifica e conceitua essa classe gramatical como aquela que introduz as orações subordinadas adverbiais temporais ou como conjunções adverbiais temporais.

Embora saibamos que a gramática de perspectiva normativa tenha também sua importância para construção de conhecimentos na língua portuguesa, analisamos que em conteúdos de livros didáticos, que é um dos suportes de estudo do aluno, atividades de professores privilegiam o estudo das marcas *quando* e *enquanto* de maneira definitiva e classificatória como se houvesse um consenso

na definição e função desse valor. Por isso, justificamos consultar esses manuais para compreender como eles refletem o estudo.

Nessa reflexão, pretendemos desembaraçar a carga semântica que tende a ser atribuída aos marcadores linguísticos, *quando e enquanto*. Dessa forma, analisamos enunciados por meio da diversidade de usos e as diferentes especificações de cada marcador, isto é, o modo como são construídos tempo-aspecto e o papel dos adverbiais aspecto-temporais na construção desses valores, utilizando alguns conceitos fundamentais da teoria de Culioli: operação de localização, termo localizado, termo localizador, situação de enunciação.

Na seção seguinte, analisamos enunciados pelo viés construtivista, apresentando o modo como são construídos os valores aspecto-temporais por meio das marcas léxico- gramaticais *quando e enquanto*.

5 - ANÁLISES SOBRE USOS DO QUANDO E ENQUANTO

O processo de análise é feito a partir do *corpus* selecionado com enunciados do Corpus do Português, Google e Exemplos Nossos das marcas linguísticas, *quando e enquanto*. Sendo o *quando* considerado um marcador de relação interlexis, em que a relação temporal se perfaz a partir do tempo verbal e da classe aspectual das situações, estabelecendo uma relação de concomitância ou de sucessividade. Já com a marca *enquanto*, a relação estabelecida será de concomitância entre as lexis.

Nas análises a seguir dos valores marcados por *quando e enquanto*, daremos atenção especial aos tempos verbais, a partir dos quais formamos alguns grupos: 1 *quando* relacionado a construções de pretéritos perfeitos; 2 *quando* relacionado a construções presente e futuro; 3 *enquanto* relacionado com verbos no pretérito imperfeito; 4 *quando e enquanto* relacionados a construções pretérito perfeito e pretérito imperfeito; 5 *quando e enquanto* associados a verbos no presente; 6 *quando* relacionado a construções presente do subjuntivo e infinitivo; 7 *quando e enquanto* associados a gerúndio e presente. Estes grupos foram formados com o objetivo de indicar a linha de análise seguida nessa reflexão, que não se estabelece como um grupo fechado de análises a ser seguido, uma vez que é através dos observáveis e na construção de enunciado por enunciado que os sentidos serão construídos.

Identificamos no enunciado a marca *quando* em uma relação interlexis, desencadeando em uma relação de sucessividade: Quando pretérito perfeito (verbo) e pretérito perfeito (locução verbal).

1. *Quando* o homem voltou foi informado sobre o nascimento do filho. (Corpus do Português)

O *quando* é marcador de ruptura entre o tempo do acontecimento linguístico e o tempo da enunciação, isto é, um marcador de relação interlexis, relacionando as lexis p e q da seguinte forma: quando p, q. O *quando* é, portanto, um marcador interlexis, abstraindo do tempo verbal e da classe aspectual das situações, a relação temporal estabelecida entre as duas lexis. Nesse enunciado o *quando* marca uma relação de localização temporal de sucessividade. Coocorrem pretérito perfeito

(verbo) e pretérito perfeito (locução verbal). As duas situações pertencem à classe dos eventos instantâneos (voltar, ser informado) e a relação entre as duas lexis é de anterioridade-posterioridade, sendo a léxis localizadora anterior, à localizada. Significa dizer que a relação de sucessividade interlexis se perfaz por meio: *quando* voltou (lexis localizadora) fato anterior a informação dada (o nascimento do filho).

Atentemo-nos a outra ocorrência em que a marca *quando* aparece posposta em uma interlexis: pretérito perfeito simples e pretérito perfeito simples. Vejamos:

2. O menino só parou a brincadeira *quando* o pai reclamou. (Exemplo Nosso)

Neste enunciado coocorrem dois verbos no pretérito perfeito simples. O pretérito perfeito simples marca a construção do acontecimento como uma totalidade, um aspecto resolutivo, não se estende no tempo, contendo fronteiras de abertura e fechamento. Os dois verbos (parou, reclamou) pertencem à classe aspectual de eventos instantâneos. O marcador *quando* estabelece entre eles uma relação de sucessividade.

Vejamos um outro enunciado em que a marca *quando* estabelece que para ocorrer um dado fato faz-se necessário a ocorrência de um primeiramente:

3. Tirem-me desse bando *quando* for julgar a todos.

Neste enunciado é estabelecida uma relação de sucessividade. Somente no momento que for acontecer o julgamento é que ocorrerá a sucessão do outro fato (tirem-me desse bando). A marca *quando* perpassa para a locução verbal (for julgar) a ideia de futuridade em relação ao verbo (tirem-me) que equivale a um presente que ocorrerá sucessivamente a um futuro resultante do sentido validado pela marca *quando*. Se parafrasearmos utilizando a marca *enquanto*: tirem-me desse bando *enquanto* for julgar a todos, evidenciamos que esse enunciado não é possível, logo se conclui que a marca *enquanto* não engendra a relação de sentido em uma situação de sucessividade das ações.

Identificamos a marca *enquanto* em uma relação de concomitância entre duas lexis:

4. *Enquanto* o pai trabalhava, o filho estudava. (Exemplo Nosso)

Enquanto é um adverbial temporal que estabelece uma relação de concomitância entre duas lexis. Não tem autonomia referencial, é localizador temporal e simultaneamente localizado. Nesse enunciado, os verbos aparecem no imperfeito, marca a construção pautada no aspecto durativo, responsável por expressar que a ação está em desenvolvimento, estende-se no tempo. O marcador *enquanto* estabelece entre os verbos uma relação de concomitância.

Identificamos enunciados em que as marcas *quando* e *enquanto* estão relacionadas a um valor de condicionalidade. Vejamos:

5. O telhado caiu *enquanto* fazíamos a ceia. (Google)
6. O telhado caiu *quando* fazíamos a ceia. (Exemplo Nosso)

Evidenciamos que as marcas *enquanto* e *quando* utilizando os verbos nos mesmos tempos equivalem a uma relação de concomitância ou simultaneidade dos fatos. Na maioria dos exemplos pesquisados, a concomitância ocorre com a marca *enquanto*, já com a marca *quando* ocorre é sucessividade, isto é, os fatos ocorrem em sucessão. Faz-se necessário um ocorrer para que o outro ocorra. Nos enunciados supracitados fica evidente que o sentido das marcas *quando* e *enquanto* estabelecem o mesmo resultado, ou seja, os fatos ocorrem simultaneamente. Fica claro que não são só os tempos verbais são responsáveis pela marca do tempo, mas as marcas temporais *quando* e *enquanto* nesses enunciados são responsáveis pela validação do tempo.

Atentemo-nos a mais enunciados em que as marcas *quando* e *enquanto* resultam em fatos concomitantes. O sentido de ações que ocorrem em tempo presente e em uma relação de concomitância, aos fatos expressos pelos verbos, evidenciando um outro valor, de condicionalidade com as marcas *quando* e *enquanto*. Vejamos:

7. *Quando* eu estou aqui, eu vivo esse momento lindo. (Google)
8. *Enquanto* estou aqui, eu vivo esse momento lindo. (Exemplo nosso)

Evidenciamos que as marcas: *quando* e *enquanto* estão localizadas em uma relação oracional em que os verbos aparecem no tempo presente. Nesses casos, é notório um aspecto de condicionalidade, responsável por expressar que para que ocorra o fato expresso na segunda oração, a primeira oração estabelece uma condição. Só será possível viver um momento lindo se for atendida a condição de estar aqui. Dessa forma, constatamos que apesar dessas marcas aparecerem classificadas como marcadores temporais nas várias fontes consultadas, nestes enunciados evidenciamos outros valores de *quando* e *enquanto*, além de conjunções com ideia temporal, há uma relação de condicionalidade expressa pelas marcas em relação aos verbos expressos nas orações. É importante destacar, ainda, que os fatos ocorrem simultaneamente com o uso de ambas as marcas; *eu vivo esse momento*, se *eu estou aqui* pois, se eu não estiver não será possível viver esse momento lindo. Além de se levar em conta o aspecto da condicionalidade, destaca-se, também, a ocorrência simultânea das ações expressas nos verbos no tempo presente. Logo, fica evidente que as marcas *quando* e *enquanto* validam outros valores além do valor temporal. Ainda com o aspecto da condicionalidade evidenciamos no enunciado a seguir a aplicação desse fenômeno, sendo possível apenas com a marca *quando*. Vejamos:

9. Volte amanhã, *quando* a mágoa passar. (Corpus do português)

A marca *quando* evidencia um aspecto de condicionalidade e não uma marca temporal. Só será possível a volta amanhã se a mágoa passar. Caso a mágoa não passe não voltarei amanhã. Se

tentarmos parafrasear com *enquanto*, o enunciado não é possível: Volte amanhã, enquanto a mágoa passar.

Identificamos enunciados em que as marcas *quando* e *enquanto* estão relacionadas a construções com gerúndio. Vejamos:

10. *Quando* estiver bebendo, ingira água entre os drinks. (Corpus do Português)

11. *Enquanto* estiver bebendo, ingira água entre os drinks. (Exemplo Nosso)

Evidenciamos que as marcas *quando* e *enquanto* estão localizadas antes de uma locução verbal, formando uma estrutura infinitivo mais gerúndio. Nesses casos, é notório um aspecto durativo, responsável por expressar que a ação (*ingira*) está em desenvolvimento, estende-se no tempo, não está no início e nem no fim, em virtude da locução verbal (*estiver bebendo*) expressar uma relação que se prolonga no tempo. É importante observar que há a construção da ideia de que a ação foi iniciada em um momento anterior ao momento da enunciação o que fica evidente pelo o uso das marcas *quando* e *enquanto*, pois para os enunciados validarem a ideia de um evento em que se fala (presente) teríamos que parafrasear sem o uso do *quando* e *enquanto*, que nesses casos, *bebendo*, *ingira água entre os drinks*. Faz-se necessário localizar *estiver bebendo* em um momento anterior, que já foi iniciado.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o propósito de demonstrar resultados de um estudo sobre tempo e aspecto das marcas *quando* e *enquanto*, à luz da teoria enunciativa de Antoine Culioli, fundamentada nos estudos desenvolvidos por Franckel, Paillard e Vogüé. Foi realizado um trabalho descritivo acerca das categorias tempo e aspecto pelo viés enunciativo e a abordagem sobre as marcas temporais *quando* e *enquanto* na visão de algumas gramáticas, em que se sugere que essas marcas são conjunções temporais, que introduzem orações subordinadas adverbiais temporais em uma relação com a oração principal de termo acessório, isto é, para introduzir uma oração temporal que mantém uma relação de subordinação com a oração principal. Estudamos o uso das marcas *quando* e *enquanto* por meio de um *corpus* de 11 enunciados coletados do Corpus do Português, Google e alguns exemplos nossos.

Analisamos item por item, verificando a relação entre verbo, marcador de tempo e de aspecto, evidenciados por meio das marcas *quando* e *enquanto*. Nesse sentido, constatamos que as marcas linguísticas *quando* e *enquanto* só adquirem valores semânticos quando contextualizadas, pois não existe sentido fora do próprio enunciado; tese assegurada por Lopes (2006) quando afirma que as unidades linguísticas deixam de corresponder a objetos semanticamente constituídos para corresponder a objetos “construídos”. Assim, sugerimos que o tempo e aspecto são categorias que estão presentes, além do verbo, uma vez que constatamos a existência dessas categorias nas marcas temporais em estudo, *quando* e *enquanto*.

Em nosso *corpus*, encontramos as marcas *quando* e *enquanto* construindo sentidos, além de marca temporal, que é a marca estabelecida pelo estudo tradicional das gramáticas como único ou sentido principal, além de estabelecer uma restrição na localização sintática de tais marcadores, no início das orações subordinadas adverbiais temporais. Dessa forma, adotando a concepção da teoria construtivista para a localização das marcas *quando* e *enquanto* na relação de tempo e aspecto, evidenciamos que conforme a situação enunciativa e a localização termo a termo, essas marcas constroem sentidos, além do sentido de marca temporal.

Nas análises feitas nesse estudo, concluímos que: o *quando* é considerado um marcador de relação interlexis, em que a relação temporal se perfaz a partir do tempo verbal e da classe aspectual das situações, estabelecendo uma relação de concomitância ou de sucessividade e a marca *enquanto*, uma relação de concomitância entre as lexis como, também, evidenciamos o sentido de condicionalidade nas relações termo a termo na construção dos enunciados, assim, cada projeção do enunciado tem uma interpretação semântica específica.

Evidenciamos que um estudo desenvolvido com base na TOPE diferencia com o que se ensina nos manuais e nas sugestões apresentadas pelos PCNs. Para os estudos dos manuais didáticos, a visão é a de que estudamos as unidades gramaticais como estruturas, mas a gramática deve ser estudada não a partir de conceitos estanques, preestabelecidos, fora da construção e desconstrução de valores referenciais. Por isso, a TOPE fundamenta uma reflexão que contribui diretamente para um ensino em que o aluno possa refletir sobre a construção e desconstrução de valores referenciais das unidades gramaticais em uma dada situação enunciativa

Desta forma, sugerimos que o estudo sobre as marcas *quando* e *enquanto* seja desenvolvido por gramáticos, linguistas, professores e alunos com base em uma reflexão que promova um ensino voltado para perspectiva construtivista, em que os sentidos das marcas sejam construídos a partir da situação de uso, partindo da premissa de que os sentidos são construídos no enunciado por meio das relações de localização de termo a termo. Com as explicações dadas, esperamos ter dado luz ao impasse desencadeado no confronto entre as abordagens tradicionais das gramáticas estudadas neste artigo no tocante à concepção de marcadores de tempo e de aspecto e o estudo das marcas linguísticas *quando* e *enquanto* pelo viés enunciativo. Parece que, ao demonstrarmos uma outra possibilidade de estudo dessas marcas, sugerimos que as marcas se movimentam para receber traços de tempo e aspecto pautados em uma relação de localização termo a termo, com isso adotamos a proposta que tais marcadores expressam aspecto e tempo verbal nas relações interlexis. Por fim, vale dizer que mais pesquisas sobre os marcadores aqui tratados são necessárias, pois tais marcas podem adquirir outros sentidos, além dos estudados neste artigo.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Revista, Ampliada e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua*

portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998: 106 p. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 02 de jan. de 2019.

CAMPOS, M. H. C. *Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa*. Portugal: Porto Editora, 1997.

CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, 1968.

CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: [https:// www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=3](https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=3). Acesso em: 14 dez. 2019.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations – Tome 1*. Paris: Éditions Ophrys, 1990.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Formalisation et Opérations de repérage. Tome 2. Paris: Ophrys, 1999a.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Domaine Notionnel. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999b.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª edição de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FLORES, V. do N. [et al.]. *Enunciação e gramática: uma linguística da enunciação*. São Paulo; Contexto, 2008.

GOMES, A. C. *As operações de linguagem com a marca quando*. Tese apresentada ao curso de Doutorado em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP). 207 p., Araraquara, São Paulo: 2007.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, M. C. R. Estudo semântico do pretérito perfeito: variações interpretativas e regularidade de funcionamento. In REZENDE, Letícia Marcondes & ONOFRE, Maria Blund (orgs). *Linguagem e Línguas Naturais - Diversidade Experimental e Linguística*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. atualizada conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. São Paulo: editora Unesp, 2011.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SOUSA, O. da C. *Construindo histórias – quando, então, depois – marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*. Editorial Estampa lda: Lisboa, 1996.

VARGAS, M. V. *Verbo e práticas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIGNAUX, G. *Le discours acteur du monde*. Paris: Ophrys, 1988.

VOGÜE, S. de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. Organização e tradução de Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo; posfácio de Valdir do Nascimento Flores. São Paulo: Contexto, 2011.

Maria Renilda Rodrigues Leal Ramos

Mestre em Letras (UFPI) , Especialista em Supervisão Escolar, Ensino Superior e Direito do Trabalho (UESPI), Graduação em Letras-Português e Direito (UESPI). Atualmente é professora cargo efetivo - SEMEC Escola Municipal Nossa Senhora da Paz e professor cargo efetivo - SEDUC - PI CETI Joca Vieira. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa

Recebido em 30/03/2020.

Aceito em 15/05/2020.